**INSULINOMA EM CÃES – REVISÃO DE LITERATURA**

E Silva, Lizane Paula de Farias 1

Silva, Gabrielly de Lima2

Da Silva, Luana Saibel3

Muri, Alessandra Herlein4

Souto, Simone da Rocha Leal da Silveira 5

Santos, Luma Beatriz Coury 6

Furlan, Sara Lusia de Souza 7

**Resumo:** O insulinoma é uma neoplasia funcional rara que se origina nas células beta das Ilhotas de *Langerhans* do pâncreas. Caracteriza-se pela produção excessiva e desregulada de insulina, o que leva à hipoglicemia crônica. Essa condição é incomum em cães, mas quando ocorre, é associada a alta malignidade, com uma significativa taxa de metástase (aproximadamente 40%). As metástases geralmente afetam órgãos como fígado, duodeno, linfonodos mesentéricos, omento e baço. O insulinoma acomete principalmente cães de meia-idade, sendo mais frequente em raças de médio a grande porte, como os pastores alemães, schnauzers e poodles. Devido à sua natureza agressiva, o insulinoma representa um desafio clínico, exigindo diagnóstico e manejo precoces para melhorar o prognóstico. Este estudo tem como objetivo revisar as principais características clínicas do insulinoma em cães, incluindo os sinais clínicos típicos, os métodos de diagnóstico mais eficazes e as opções de tratamento atualmente disponíveis, abordando tanto o tratamento cirúrgico quanto as abordagens conservadoras. Para tanto, Foi realizada uma revisão de literatura com base em artigos publicados nos últimos cinco anos, utilizando as bases de dados do Google Scholar. Foram incluídos estudos em português que abordassem casos de insulinoma canino, com ênfase nos aspectos clínicos, diagnóstico e tratamento. A pesquisa considerou também as últimas evidências sobre os protocolos de manejo e as inovações terapêuticas na área. Dessa maneira, sabe-se que o insulinoma canino é caracterizado por hipoglicemia crônica, com níveis de glicose geralmente abaixo de 45 mg/dL. Os sinais clínicos decorrentes dessa condição refletem os efeitos da hipoglicemia no sistema nervoso central (SNC), podendo incluir convulsões, fraqueza generalizada, colapso, letargia, depressão, ataxia, cegueira de origem central e até coma. O quadro clínico pode ser episódico, com sinais que ocorrem em momentos de jejum prolongado ou estresse, mas também podem se tornar persistentes à medida que a doença progride. O diagnóstico do insulinoma é baseado na identificação de hiperinsulinemia, associada a baixos níveis de glicose plasmática. A confirmação do diagnóstico é realizada por meio de exame histopatológico e imunohistoquímico das amostras de tecido pancreático. Além disso, a laparotomia exploratória pode ser necessária para localizar o tumor primário, especialmente em casos em que o diagnóstico clínico e laboratorial não são conclusivos. Exames de imagem, como ultrassonografia abdominal e tomografia computadorizada, são úteis para avaliar a presença de metástases e identificar tumores pancreáticos primários. O tratamento do insulinoma canino depende do estágio da doença e das condições clínicas do animal. O manejo inicial em casos agudos envolve a correção da hipoglicemia, com a administração de glicose intravenosa (2,5–5%) para estabilizar o animal. Além disso, pode-se utilizar dexametasona, glucagon e análogos de somatostatina (como octreotida) para reduzir a secreção insulínica excessiva. O tratamento cirúrgico consiste em laparotomia exploratória com ressecção do tumor primário pancreático. Caso o tumor seja inoperável ou metastático, o tratamento conservador, incluindo o uso de glicocorticoides, dieta especial e controle de exercícios, pode ser considerado. A monitorização rigorosa da glicemia é essencial para evitar episódios hipoglicêmicos recorrentes. Em casos de tumores metastáticos ou quando a cirurgia não é viável, a quimioterapia pode ser indicada, embora a resposta a esses tratamentos seja limitada. Em alguns pacientes, terapias direcionadas e novas opções farmacológicas estão sendo investigadas como possíveis alternativas para o manejo de tumores metastáticos ou irresecáveis. O insulinoma canino é uma neoplasia rara, mas potencialmente fatal, que exige diagnóstico precoce e intervenção terapêutica rápida. O tratamento cirúrgico, quando indicado, oferece a melhor chance de controle da doença e de melhora na qualidade de vida do paciente. No entanto, quando a cirurgia não é possível, o tratamento conservador e o controle rigoroso da glicose são essenciais para a gestão da hipoglicemia. A detecção precoce dos sinais clínicos, juntamente com a utilização de exames complementares, é fundamental para otimizar o manejo clínico e, assim, melhorar o prognóstico dos animais afetados. Estudos contínuos são necessários para desenvolver novas abordagens terapêuticas, especialmente para casos avançados ou metastáticos de insulinoma.

**Palavras-Chave:** Insulina, Laparotomia exploratória, Pâncreas.

**E-mail do autor principal:** [lifasil@hotmail.com](mailto:lifasil@hotmail.com)

1Médica Veterinária formada pela UNIBRA, e-mail: [lifasil@hotmail.com](mailto:lifasil@hotmail.com)

2 Medicina Veterinária, Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: [lima.gabrielly@hotmail.com](mailto:lima.gabrielly@hotmail.com)

3 Medicina Veterinária, Discente do curso de Medicina Veterinária da CESURG, e-mail: luanasaibelsilva@gmail.com

4Médica veterinária, mestre em medicina veterinária/reprodução animal e-mail: alessandraherlein@gmail.com

5 Médica Veterinária pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Clínica e Reprodução Animal, e-mail: [drasimonerocha@uol.com.br](mailto:drasimonerocha@uol.com.br)

6 Médica Veterinária pela UFSC, e-mail: lumabcantos@gmail.com

7 Graduanda em Medicina Veterinária pela UFMT, e-mail: furlansaralu@gmail.com

**REFERÊNCIAS:**

CRIVELLENTI L. Z.; BORIN-CRIVELLENTI, S. **Casos de Rotina:** em medicina veterinária de pequenos animais. 2. ed. São Pulo: MedVet, 2015.

GOUTAL, C.M.; BRUGMANN, B.L.; RYAN, K.A. Insulinoma in dogs: a review. Anim. **Hosp. Assoc**., v.48, p.151-163, 2012.

JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. **Tratado de Medicina Interna de Pequenos Animais.** 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015.